

Entre flertadas e goleadas: ampliação do *habitus* feminino burguês nos eventos futebolísticos belo-horizontinos (1908-1927)

Among flirtations and blowout victories: the increasing of bourgeois female habitus in soccer events in Belo Horizonte (1908-1927)

Euclides de Freitas Couto*

Introdução

Já se vae introduzindo em Bello Horizonte, o gosto pelo salutar jogo de foot-ball, existindo diversas sociedades que se dedicam, com entusiasmo, a este sport, mas infelizmente, sem conseguirem um progresso real, por lhes faltar o indispensavel auxilio dos poderes municipaes. (...) E nem se diga que este sport consiste somente um passatempo, sabendo-se que em toda a parte lhe é dedicado verdadeiro culto como um dos mais poderosos factores da cultura phisica da mocidade. (...) De facto, o espirito ser forte e perfeitamente equilibrado reclama um corpo tambem forte, uma vez que este é o instrumento de acção.¹

Em sua edição dupla dos anos 1913/1914, a revista *Vita*, um dos principais impressos que circulavam entre a elite belo-horizontina, informava que o futebol se tornara o esporte mais popular da cidade, evidenciando que a prática se colocava entre as “mais saudáveis e mais adequadas ao desenvolvimento físico e moral da juventude”. O fato não era uma novidade exclusiva da jovem capital mineira, inaugurada em 1897: em todo o Brasil, multiplicavam-se na imprensa elogios às potencialidades higiênicas, intelectuais e morais do esporte bretão. Tais representa-

* Doutor em História pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), professor adjunto da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ), pesquisador da história e da sociologia dos esportes e das práticas corporais. E-mail: euclides@ufsj.edu.br

¹ VITA. Belo Horizonte, n. 7-8, dez 1913- jan1914, s.p.

ções, formuladas pelo discurso jornalístico, têm sido exaustivamente revisitadas por historiadores e cientistas sociais, se constituindo, portanto, como uma das fontes essenciais para o conhecimento histórico da sociogênese do campo esportivo no Brasil. Em síntese, os novos estudos que se debruçam sobre as análises dessas fontes, notadamente influenciados pela história cultural e pela *nouvelle histoire*, associam o desenvolvimento das práticas esportivas à formação do escopo social moderno, no qual o futebol assume centralidade no modo de vida das populações dos centros urbanos brasileiros. Como exemplo, temos a tese de doutorado de Leonardo Pereira (Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro – 1902-1938), publicada em 2000, que retrata de maneira meticulosa e original a construção social do futebol carioca em suas primeiras décadas de vida. Outro exemplo importante é o estudo de Santos Neto (Visão do jogo: primórdios do futebol no Brasil), publicado em 2002, no qual se estabelece uma contraposição em relação à historiografia tradicional, que aponta Charles Miller como o precursor do futebol na cidade de São Paulo. De forma inovadora, o autor concentra sua atenção no futebol praticado nas escolas da capital e do interior do estado, oferecendo alternativas para a compreensão do processo de desenvolvimento do esporte nas cidades paulistas, entre a última década do século 19 e as duas primeiras do século 20. Mais recentemente, no ano de 2009, outro trabalho de grande envergadura foi organizado pelos pesquisadores Mary del Priore e Victor Melo. Trata-se da coletânea de artigos intitulada História do Esporte no Brasil. A obra, escrita por autores provenientes de diversas áreas do conhecimento social, mapeia diversos sentidos e significados da modernidade brasileira que se articulam à prática esportiva.

Em síntese, essas investigações revelam que nos principais centros do país, o período embrionário do futebol foi caracterizado pelo caráter excludente da sua disseminação na sociedade, tendo em vista que ela se processou primordialmente nos segmentos mais abastados. Difundido tanto pelos clubes quanto pelos colégios privados, o futebol constituía uma prática elegante e cosmopolita, restrita a uma pequena parcela da população. No caso da capital mineira, os ares modernos, que trouxeram o “impulso esportivo”, encontraram um solo fértil

para disseminação das práticas corporais. Afinal, nas primeiras décadas de existência, a utopia da “cidade moderna” adquiria traços concretos, com os espaços públicos assumindo suas destinações e incorporando novas funções pleiteadas pelos usuários. Simultaneamente à nova configuração urbana, eclodiam variadas formas de apropriação do espaço público, das quais o futebol assumiu papel de destaque no rol das inúmeras novidades que desembarcavam da Europa.

Na última década do século 19, a concepção urbanística moderna que inspirou a construção da nova capital de Minas destinou parte da área central para a construção do Parque Municipal. O lugar, com localização privilegiada, era destinado a cumprir uma função para as elites locais que ocupavam aquela região: inspirado na tríade urbanística “salubridade, comodidade e embelezamento”, o parque espelhava as preocupações da comissão construtora da cidade quanto à existência de espaços verdes e áreas de lazer ao alcance da população². Todavia, um ano após sua inauguração, o lugar já acumulava outros usos, além daqueles inicialmente atribuídos: as corridas de bicicleta, em 1898, já indicavam que o espaço também serviria de abrigo para práticas esportivas, tanto que, em 1904, rapazes da alta sociedade local fundaram o *Sport Club*, o primeiro time de futebol da cidade. A partir de então, o Parque Municipal entrou definitivamente para a história de Belo Horizonte como uma praça destinada à prática de esportes. Em 1908, no coreto localizado no parque, alguns jovens estudantes fundaram o *Athletico Mineiro Football Club*. A agremiação centenária que iniciou suas atividades num campo improvisado no interior do parque, em poucos anos, passou a ocupar terrenos baldios em outros pontos do centro da cidade até a construção do Estádio do Prado Mineiro em 1913.

A partir da destacada adesão dos frequentadores do parque – paralelamente a outras atividades esportivas – que a prática do futebol se expandiu para outros espaços da região central da cidade. Foi nesse contexto que em 1912 surgiu o *America Football Club*, agremiação cuja base social possuía as mesmas características do *Athletico*: jovens provenientes das

² SALGUEIRO, E. A. *Engenheiro Aarão Reis: o progresso como missão*. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 1997, p. 160.

famílias mais abastadas da cidade³. Incorporado pelas elites como uma prática elegante e saudável, o futebol foi incluído ao rol das atividades mais apreciadas no início do século 20: para os praticantes, ele representava a imagem do novo homem – saudável, viril e cavalheiro; para os espectadores, a participação nos eventos esportivos era vista como marca de distinção e elegância. Com efeito, o futebol, assim como outros esportes, se enquadra no conjunto de atividades que Norbert Elias e Eric Dunning definiram como “práticas civilizatórias”⁴. Ao reproduzir, tanto para os jogadores, quanto para o público, aspectos estruturantes das sociedades modernas, como a individualização, a busca da emoção, a tensão e o conflito, o futebol contribuiu para a conformação de um novo *habitus*⁵ para a elite belo-horizontina. Em outras palavras, o futebol permitiu aos *sportsmen* e às *sportswomen* a adesão a um novo tipo de economia simbólica⁶, na qual os vínculos de pertencimento, as disposições de solidariedade e de hierarquia se configuravam em um campo restrito aos seus participantes: os jogos, os bailes e os demais eventos relacionados aos clubes de futebol.

O cotejamento inicial às fontes escritas, sobretudo aos periódicos que circulavam na época⁷, revela que nos estádios da capital mineira, encontrava-se uma plateia composta pelas mais respeitadas famílias da sociedade local. Assim como nas praças esportivas do Rio de Janeiro e de São Paulo, as arquibancadas, tomadas por “gente da melhor estirpe”, eram

³ RIBEIRO, R. R. **A bola em meio a ruas alinhadas e a uma poeira infernal**: os primeiros anos do futebol em Belo Horizonte (1904-1921).180f. 2007. Dissertação (Mestrado em História), Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.

⁴ ELIAS, N.; DUNNING, E. **Deporte y ocio em el proceso de la civilización**. México: Fondo de Cultura Económica, 1996.

⁵ Resumidamente, o conceito de *habitus* amplamente desenvolvido na obra do sociólogo francês Pierre Bourdieu, corresponde a um conjunto de comportamentos, escolhas estéticas, modos de agir e de se relacionar que estão diretamente relacionados à posição social do indivíduo. O *habitus* igualmente reproduz habilidades procedurais envolvidas na conformação de condutas sociais e políticas de maneira individual e/ou coletiva. BOURDIEU, P. *Le marché des biens symboliques*. **L'Année Sociologique**. Paris, PUF, 1971.

⁶ Sobre uma incursão aprofundada sobre a categoria “economia simbólica” cf. BOURDIEU, P. **La distinction**. Paris: Minuit, 1979.

⁷ VITA. Belo Horizonte, 1913-1914. O FOOTBALL. Belo Horizonte, 1917. Footing, Belo Horizonte, 1921. MINAS SPORT. Belo Horizonte, 1925. GAZETA ESPORTIVA. Belo Horizonte, 1927.

verdadeiras passarelas onde as “senhoras e senhoritas” desfilavam os últimos lançamentos da moda parisiense. Com efeito, a presença feminina nos campos de futebol refletia as transformações sociais por que passava a sociedade belo-horizontina naquele período. A frequência dos espaços públicos, especialmente os estádios, sugere que o rompimento com os costumes tradicionais incluía a ampliação dos estreitos limites da vida privada das mulheres. Se em outros centros do país como no Rio de Janeiro a presença feminina nos estádios era percebida pelos cronistas apenas como um aspecto acessório, que contribuía para o embelezamento do espetáculo, como sugere Leonardo Pereira⁸, em Belo Horizonte, as mulheres se tornaram protagonistas, participando ativamente das atividades que envolviam os clubes de futebol. Ao constatar que as mulheres desempenharam o papel de torcedoras, de madrinhas dos clubes e participaram dos bailes realizados pelas agremiações esportivas, levantamos a hipótese que o futebol remodelou o *habitus* feminino, contribuindo para a integração das mulheres a novos espaços da vida social na capital mineira.

A partir dessas incursões preambulares, o itinerário proposto nesse artigo visa analisar os discursos construídos pela imprensa belo-horizontina sobre a participação feminina nas atividades ligadas ao futebol entre os anos de 1913 e 1927. A despeito de os estudos realizados em torno da origem do futebol em Belo Horizonte apontarem o ano de 1904 como o ano do surgimento da primeira agremiação esportiva que se dedicou ao futebol na cidade⁹, a construção da primeira praça esportiva destinada à prática do futebol teve início 1913, quando no Prado Mineiro, local destinado às corridas de cavalo, foi construído o primeiro estádio de futebol, onde o Club Atlético Mineiro e o América Football Club, agremiações notadamente elitistas, mandavam seus jogos. Nesse período, a disseminação do futebol se deu por outros espaços da região central da cidade, quando, ao adquirir notoriedade entre as camadas mais abastadas

⁸ PEREIRA, L. A. M. **Footballmania**: uma história social do futebol no Rio de Janeiro (1902-1938). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000, p. 29.

⁹ RIBEIRO, op. cit., p. 12. RODRIGUES, M.A.A. **Constituição e enraizamento do esporte na cidade**: uma prática moderna de lazer na cultura urbana de Belo Horizonte (1894-1920). 2006. 340f. Tese (Doutorado em História) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006, p. 152.

da população, sua prática passou a ser incentivada pelo estado, que cedeu importantes áreas urbanas para a construção de estádios¹⁰.

Diante desses sinais e indícios de que as mulheres possuíam uma participação de destaque nos eventos futebolísticos no período em questão, procuramos esmiuçar, captar e investigar os discursos produzidos pela imprensa acerca das questões socioculturais e políticas que envolviam o futebol belo-horizontino. Incluímos em nosso *corpus* documental, além de um número expressivo de representações extraídas da imprensa esportiva, inúmeros trabalhos produzidos por jornalistas, historiadores e cientistas sociais que se dedicaram à análise sociocultural do futebol no período. Procuramos identificar nas imagens, entrevistas, narrativas e crônicas os discursos, ideologias e mentalidades que compunham o cenário futebolístico. É, sobretudo, através desses discursos, que procuramos compreender as idiossincrasias presentes da tessitura social capazes de fornecer os elementos para a apreensão dos significados das manifestações culturais desse período. A utilização de periódicos como fonte de pesquisa para os historiadores remonta à tradição criada pela História Nova nas décadas de 1920/30, época em que a concepção de documento foi problematizada e ampliada. Diante das novas demandas de conhecimento, da possibilidade de renovação temática e, sobretudo, da relativização da concepção de “ciência”¹¹, o movimento iniciado pelos *Annales* abriu novas perspectivas o ofício de historiador, conforme argumentam Le Goff e Nora:

A novidade parece residir em três processos: novos problemas põem em causa a própria história; novas contribuições modificam, enriquecem, transformam os sectores tradicionais da história; novos objetos, enfim, aparecem no campo epistemológico da história. O que obriga a história a redefinir-se é, antes de

¹⁰ Cf. COUTO, E.F. **Belo Horizonte e o futebol: integração social e identidades coletivas (1897-1927)**. 2003. 142f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais), Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2003.

¹¹ Sobre a discussão em torno do campo de conhecimento histórico, consultar os trabalhos de SCHAFF, A. **História e verdade**. São Paulo: Martins Fontes, 1978, especialmente o capítulo I, da segunda parte, intitulado “O condicionamento social do conhecimento histórico”; e REIS, J.C. **Escola dos Annales: a inovação em História**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

mais, a tomada de consciência, pelos historiadores, do relativismo da sua ciência. Não é o absoluto dos historiadores do passado, providencialistas ou positivistas, mas o produto de uma situação, de uma história. Este caráter singular que tem apenas um único limite para o seu objeto e para si própria, que oscila entre a história vivida e a história construída, sofrida e fabricada, obriga os historiadores, conscientes desta relação original, a interrogarem-se de novo sobre os fundamentos epistemológicos da sua disciplina.¹²

Contudo, os mesmos ventos que impulsionaram a abertura dos novos objetos e a incorporação de novas tipologias de fontes à pesquisa histórica também trouxeram consigo novos desafios ao pesquisador. Ainda que escape aos desideratos desse trabalho realizar um balanço pormenorizado de todas as implicações teórico-metodológicas e transformações epistemológicas decorrentes do processo de renovação da história, é prudente compreender a importância delas. Tais mudanças tornaram o terreno da pesquisa histórica mais espinhoso e cercado de armadilhas. Ao se deparar com os periódicos, por exemplo, faz-se necessário um exame criterioso que implica a realização de procedimentos metodológicos como a “crítica interna e externa” dos documentos¹³. Em suma, é preciso tomar uma atitude cautelosa em relação aos textos e imagens. Tais registros não “falam por si”. É indispensável correlacioná-los ao contexto histórico em que foram produzidos, procurando identificar as tensões, conflitos e interesses políticos presentes em suas entrelinhas. Nosso objetivo não é o de descobrir “a verdade” nesses registros, mas problematizar as circunstâncias em que eles foram construídos. Seguindo esse raciocínio, a historiadora Tânia de Luca oferece uma boa interpretação sobre a questão da análise dos periódicos:

Pode-se admitir, à luz do percurso epistemológico da disciplina e sem explicar a interposição de qualquer limite ou óbice ao uso de jornais e revistas, que a imprensa periódica seleciona, ordena, estrutura e narra, de uma determinada forma, aquilo que elegeu

¹² LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. **Fazer história**: vol.1 - novos problemas. Lisboa: Bertrand, 1977, p. 10.

¹³ Detalhes sobre esses procedimentos podem ser encontrados no manual de GLÉNISSON, J. **Iniciação aos estudos históricos**. Rio de Janeiro: Difel, 1977, especialmente no capítulo IV, intitulado “A crítica dos testemunhos”.

como digno de chegar até o público. O historiador, de sua parte, dispõe de ferramentas provenientes da análise do discurso que problematizam a identificação imediata e linear entre a narração do acontecimento e o próprio acontecimento, questão, aliás, que está longe de ser exclusiva do texto da imprensa.¹⁴

Ademais, é preciso incluir no rol dos “cuidados” tomados no processo de análise dos periódicos a questão das filiações e tendências adotadas pela linha editorial e as ligações dos jornalistas com grupos de poder político e econômico, além de não desconsiderar o fato de que os editoriais e as redações são espaços que aglutinam diferentes linhagens políticas, o que também contribui para a conformação do campo intelectual.¹⁵

Embora a pré-seleção das fontes incorporasse um número expressivo de representações extraídas das diversas formas de discursos (crônicas, reportagens e imagens) veiculados pelos periódicos, julgamos prudente a complementação do *corpus* documental. Assim, com o intuito de ampliar a compreensão sobre as atitudes, gestos e significados que as mulheres atribuíam ao futebol, objetos centrais de nossa investigação, recorreremos também às fontes orais. As entrevistas foram realizadas nos anos de 2002 e 2003 com três pessoas que participaram ativamente das atividades futebolísticas em Belo Horizonte na década de 1920: um ex-dirigente e também torcedor e duas torcedoras¹⁶.

Em relação a esses depoimentos, optamos desde o primeiro momento pelas entrevistas temáticas, uma vez que as narrativas de vida, na maioria das vezes, desviam a atenção do entrevistado para outros assuntos que não se inserem no universo da pesquisa. Assim, as questões propostas buscaram, de forma geral, direcionar a lembrança dos entrevistados para o objeto pesquisado. Este procedimento, entretanto, não os privou da lembrança de situações particulares ou coletivas significativas

¹⁴ LUCA, T. R. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, C. B. (Org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto: 2005, p. 139.

¹⁵ *Ibidem*, p. 141.

¹⁶ As entrevistas foram selecionadas a partir de um conjunto de depoimentos orais colhidos entre os anos de 2002 e 2003, parte integrante do *corpus* documental utilizado nas análises formuladas pela dissertação de mestrado intitulada *Belo Horizonte e o futebol: integração social e identidades coletivas (1897-1927)*, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, sob a orientação da Prof. Dra. Lucília de Almeida Neves Delgado.

em suas vidas, importantes, portanto, para o afloramento das tensões políticas que permeavam o período em questão. Partindo da premissa defendida por Lucília Neves¹⁷ de que a memória é o “substrato da identidade”, acreditamos que estas entrevistas se constituíram como momentos vivificadores da relação entre história, memória e identidade. Seguindo este raciocínio, a historiadora alerta para a importância de se adotar critérios sólidos e objetivos para a realização das entrevistas:

Uma das maiores potencialidades da história oral refere-se ao seu caráter heterogêneo e essencialmente dinâmico de captação do que passou, segundo a visão de diferentes depoentes. Trata-se de uma operação bastante complexa de produção de conhecimento que envolve, simultaneamente, intersubjetividade e busca de construção de evidências históricas. O esforço do historiador deve voltar-se tanto para o estímulo ao afloramento aberto e dialético do ato de rememorar do depoente, quanto para a realização de uma operação intelectual que demanda crítica e análise, especialmente na fase de preparação dos roteiros das entrevistas e na análise e interpretação do documento produzido.¹⁸

Nesse sentido, a produção dos documentos orais permitiu a captação das idiosincrasias presentes nas trajetórias pessoais dos entrevistados, e que só poderiam aflorar pelo processo da rememoração.

Sobre essas potencialidades da memória, os trabalhos de Lucília Neves¹⁹ e Paul Ricoeur²⁰ oferecem preciosas indicações para a análise e compreensão do processo de rememoração e da construção seletiva da memória e suas imbricações para a produção do conhecimento histórico. Em comum, estes autores demonstram a importância da memória para a recuperação dos vestígios históricos que se perderam no passado. Além disso, o exercício de rememoração constitui-se não apenas como a reconstrução da história, mas como a busca da própria identidade que se desmanchou com o tempo. Esse aspecto

¹⁷ NEVES, L. A. Memória, História e sujeito: substratos da identidade. **História Oral**: Revista da Associação Brasileira de História Oral, São Paulo, n.3, jun. 2000, p. 113.

¹⁸ *Ibidem*, p. 112.

¹⁹ *Idem*.

²⁰ RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas/SP: Editora da Unicamp, 2007.

ficou evidenciado nas entrevistas realizadas para este artigo. Na maior parte dos depoimentos colhidos, os (as) entrevistados (as) deixaram transparecer sua emoção quando rememoraram experiências em um tempo passado.

A cidade e o futebol: a reconfiguração da vida social nos espaços públicos em Belo Horizonte

Senhorita R. N. A sua presença *sympathica* é indispensável nos nossos fields. Confundindo nossos players com a graciosidade eloquente simples do seu sorriso, a senhorita é, talvez das torcedoras de Belo Horizonte a mais ardosa das torcidas... de amor e football. É esse calor, senhorita, é mais uma influência da sua grande e radiosa beleza, embriagando os olhares enamorados.²¹

Extraídas de uma crônica publicada em *O Football*, semanário esportivo que circulava em Belo Horizonte em meados de 1917, as palavras anteriores, além de evidenciarem que a presença feminina nos estádios era motivo de elogio dos cronistas esportivos da época, revelam que o estádio de futebol se tornara um ambiente propício para o flerte entre os jovens. Naquele tempo, o futebol, considerado um hábito saudável e elegante, não atraía apenas os jovens praticantes. As famílias mais bem estabelecidas viam nos jogos a possibilidade de participar de um evento requintado e de caráter cosmopolita.

No limiar do século 20, o universo feminino brasileiro estava profundamente atrelado ao imaginário social europeu²², no qual valores culturalmente impostos, como a fidelidade e a virtude, ligavam-se à ideia de que a mulher não deveria sair do seu ambiente privado. O respeito à figura do *pater familias*, representado pelo pai ou pelo marido, impelia as mulheres “à sujeição voluntária a uma ordem impessoal regulada pela esfera pública, em todo caso, governada pelos homens”²³. Reproduzindo esse cenário, os homens brasileiros impunham o controle e a vigilância culturalmente importados das relações patriarcais

²¹ O FOOTBALL. Belo Horizonte, 21 set. 1917, p. 3.

²² QUINTANEIRO, T. **Retratos de mulher**: o cotidiano feminino no Brasil sob o olhar dos viajeros do século XIX. Petrópolis/RJ: Vozes, 1995, p. 37.

²³ *Ibidem*, p. 39.

portuguesas, as quais previam o enclausuramento e a ausência das mulheres do dia a dia das ruas brasileiras. Os únicos momentos em que era comum a presença feminina nos logradouros eram bem demarcados: nas idas e vindas da igreja, de manhã cedo ou de noite, na companhia de criados ou dos filhos, e nos dias santos e domingos, na companhia de toda a família e da criadagem²⁴.

Entre as últimas décadas do século 19 e o início do século 20, a ausência de espaços públicos para a convivência pode explicar, ao menos em parte, a privatização dos encontros nos lares e residências. Em ocasiões precisamente determinadas, como as missas e as festas religiosas, eventos tidos como “diversões sadias”, as mulheres ricas, acompanhadas dos seus “negrinhos”, desfilavam seus vestidos caros e podiam ser admiradas, com a devida discrição, pelos finos rapazes. As raras possibilidades de encontro entre homens e mulheres demonstram o rigoroso controle imposto pelos valores tradicionais; e essa pouca convivência, sempre restrita ao espaço doméstico, pode constituir um fator explicativo do grande número de casamentos “arranjados” pelos pais, além do fato de as uniões conjugais serem usadas na época como meio de ascensão ou manutenção do *status* social, principalmente entre as famílias ricas e burguesas²⁵. Diante desse cenário, o processo de modernização dos espaços públicos, idealizado pelos republicanos, foi decisivo para a transformação dos costumes das famílias brasileiras, especificamente aquelas ligadas aos setores dominantes do meio urbano. De acordo com padrões sanitaristas adotados nas reformas urbanas e na construção das cidades, não só os logradouros públicos como também as residências deveriam oferecer mais conforto. Nesse período, as festas, saraus, bailes e outros eventos realizados dentro das casas contribuíram para a ampliação da vida social feminina.

No bojo desses acontecimentos, a introdução da dança social na Inglaterra colaborou para o aumento da liberdade de movimentos da mulher²⁶. Em casa e nos *nights clubs*, as mulhe-

²⁴ *Ibidem*, p. 70.

²⁵ D'INCAO, M. A. Mulher e família burguesa. DEL PRIORE, M. (Org.) **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2002, p. 229.

²⁶ HOBBSAWM, E.J. **A era dos impérios: 1875-1914**. 7 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002, p. 288.

res burguesas podiam desfrutar de uma liberdade muito maior do que a da geração de suas mães, o que teve uma particular importância para as jovens das famílias mais respeitáveis e, por isso mesmo, “submetidas às mais rigorosas restrições convencionais”, já que o fato de poderem dançar socialmente em lugares públicos refletia justamente o afrouxamento dessas convenções²⁷.

Em Belo Horizonte, como em outros centros cujos costumes modelavam-se nos modismos europeus, os bailes e outras atividades que, inicialmente, eram realizados exclusivamente dentro do espaço da casa ganharam, nas primeiras décadas do século 20, novos lugares para sua realização. A ampliação da convivência social nos espaços públicos era vista como condição *sine qua non* para que a sociedade atingisse os padrões mínimos de civilização. As elites, ansiosas por participar de eventos elegantes e cosmopolitas, iniciaram assim um processo de fomentação de atividades nos espaços públicos. Lugares como os cafés destinavam-se primordialmente ao público masculino²⁸. Já os bailes e saraus, promovidos inicialmente em clubes criados para esse fim, como o *Club* das Violetas e o *Club* Rose, eram frequentados pelas famílias mais importantes da cidade. A partir dos anos 1910, com o surgimento dos clubes de futebol e as suas sedes sociais, ampliaram-se as possibilidades das mulheres frequentarem espaços públicos de lazer. Nessa lógica, deduz-se que a presença das mulheres nos estádios foi, a princípio, vinculada a sua participação em outros eventos promovidos pelos clubes de futebol, com destaque para os bailes. Para o público feminino, o espetáculo esportivo representaria, portanto, um momento de ampliação da convivência social que não se resumia aos estádios. O círculo de amizades e a sociabilidade se estenderiam aos bailes e outras festividades promovidas pelas agremiações como festas beneficentes, jantares e, sobretudo, os bailes.

No entanto, é possível contrapor outras explicações a essa primeira formulação, que tende a se apresentar como a mais natural. Analisando-se detalhadamente as histórias de *Athletico*

²⁷ Idem.

²⁸ SILVEIRA, A. J.T. O sonho de uma petite Paris: os cafés no cotidiano da capital. DUTRA, E. F. (Org.) **BH: horizontes históricos**. Belo Horizonte: C/Arte, 1996, p. 149.

e *America*, percebe-se que a fundação de suas respectivas sedes sociais se deu aproximadamente no final da década de 1910. Isso indica que a ocorrência de mulheres nos jogos de futebol, já a partir de 1913, é anterior ao advento dos bailes e de outros eventos sociais, o que exige outras explicações para esse fenômeno.

No caso do *Athletico*, a presença feminina foi marcante desde sua fundação: muitas das reuniões que antecederam a criação do clube ocorreram na casa de Dona Alice Neves, mãe de Mário Neves, um dos fundadores, ponto de encontro dos atletas e onde muitos atletas faziam suas refeições. Os relatos da época indicam que foi Dona Alice quem bordou a primeira bandeira alvinegra e, em sua residência, eram feitos os uniformes do time. Aí também se deu, em 25 de março de 1908, a criação da primeira torcida uniformizada do Brasil, da qual participavam várias moças que também ajudavam na manutenção do clube²⁹. Atitudes como essa contribuíram decisivamente para a adesão das mulheres belo-horizontinas ao futebol, já que a presença feminina nos jogos do time provavelmente incentivou a participação das torcedoras de outros clubes. Além disso, naquela época, apesar da cidade contar com uma boa diversidade de espaços de convivência, a carência de eventos sociais tornava o futebol uma das atividades mais atrativas para a população como se pode depreender dessa crônica publicada em 1913:

Bello Horizonte tem tudo: avenidas, praças, passeios bellissimos, prado de corridas, campo de foot-ball, teatro, enfim, todos os divertimentos de uma cidade civilisada. De que valem esses, porém, esses divertimento, se elles estão abandonados? Não se vê uma viva alma do 'smartismo' mineiro gozando das delicias dessas largas avenidas, os encantos das vastas praças, ostentando artisticos cantos, onde somente o zumbido dos insetos à falta de uma banda de música, quebra a monotonia em que vivem esses logradouros públicos!³⁰

Vários estudos que se debruçaram sobre as crônicas jornalísticas e literárias permitem atribuir ao espaço urbano um

²⁹ Entrevista concedida por Hugo Fracarolli, um dos fundadores do *Athletico*, ao jornalista Adelchi Ziller. Cf. ZILLER, A. L. *Enciclopédia do Atlético*. Belo Horizonte: Leme, 1974, p. 213.

³⁰ VITA. Belo Horizonte, n.6, out. 1913, s.p.

lugar de destaque no processo de construção de sociabilidades em Belo Horizonte. Dentre eles, o de autoria de Leticia Julião aborda os paradoxos apresentados pela modernidade em na jovem capital mineira, como, por exemplo, o fato da cidade ter sido planejada para multidões, mas abrigar as minorias compostas pelas camadas médias e altas da sociedade³¹. A razão desse paradoxo estaria no caráter superficial da modernização, que contemplou o espaço urbano, mas não atingiu estruturalmente a sociedade, distanciando fisicamente as classes e perpetuando, assim, as desigualdades sociais. As crônicas publicadas nas primeiras décadas do século 20 revelam que, apesar do moderno aparato edificado, Belo Horizonte ainda estava longe da efervescência típica da vida urbana. A chamada vida *smart* e uma série de hábitos modernos só se instalariam na cidade paulatinamente. Para tanto, a imprensa exerceu um papel decisivo, ao estimular a prática de novos e condenar os antigos³².

Outro estudo importante, realizado pela urbanista Celina Lemos³³, oferece elementos diferentes para a compreensão do desenvolvimento da vida urbana moderna na recém-inaugurada capital mineira, ao destacar a importância do centro da cidade como aglutinador das atividades comerciais e, por consequência, como espaço fomentador de sociabilidades. Além de “lugar do intercâmbio de mercadorias”, a área central assumiu também os papéis de lugar do lazer e de “lugar do simbólico”, na medida em que concentrava estabelecimentos distintos, como bares, cafés, hotéis, restaurantes, bancos, teatros, cinemas, casas de dança e bordéis. Assim, logo na primeira década de vida, Belo Horizonte já apresentava uma hierarquização do espaço em sua região mais importante.

Na área central, a construção de prédios públicos provocou o aumento dos preços dos lotes, transformando partes desse espaço em área nobre, principalmente no “polígono que envolvia a rua da Bahia, a rua Goitacazes, a rua São Paulo, a

³¹ JULIÃO, L. Itinerários da cidade moderna (1891-1920). DUTRA, E. F. **BH: horizontes históricos**, op. cit., p. 83.

³² *Ibidem*, p. 89.

³³ LEMOS, C. B. **Determinações do espaço urbano**: a evolução econômica, urbanística e simbólica do centro de Belo Horizonte. 1988. 225f. Dissertação (Mestrado em Sociologia), Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1988.

rua dos Caetés, avenida Afonso Pena e mais as ruas Tupinambás, Carijós, Espírito Santo, Tamoios e as avenidas Amazonas e do Comércio.³⁴ Por sua vez, na região compreendida entre a praça da Estação e o Mercado Municipal, moravam “alguns remanescentes” do antigo Curral Del Rey, que adquiriram seus lotes antes da inauguração da cidade. Entretanto, esses grupos de baixo poder aquisitivo estavam condenados a abandonar esse espaço, à medida que a especulação imobiliária ampliasse sua atuação. Dessa maneira, demarcaram-se duas áreas distintas na região central, permitindo identificar o uso e a ocupação desses lugares: enquanto a região “nobre” abrigava os prédios públicos, os melhores restaurantes e bares, os cafés, os bancos, os teatros, os cinemas e as residências das famílias mais abastadas, a região “pobre” concentrava modestas pensões, bares e pequenos estabelecimentos comerciais, além de constituir a área boêmia da cidade³⁵.

As mulheres e o futebol: a formação de um novo *habitus* feminino em Belo Horizonte

Essa fase do futebol em Belo Horizonte foi marcada pela presença feminina nos estádios – a proporção de mulheres nas torcidas era significativa: em algumas ocasiões, estima-se que as mulheres representavam aproximadamente 50% do público total³⁶. Não eram somente as moças e os rapazes que frequentavam os jogos: famílias inteiras marcavam presença, com a mesma fidelidade com que iam à missa dominical. No entanto, as motivações eram diferentes para cada espectador: os moços buscavam a disputa e a vibração dos jogos; as moças, o divertimento de ver os atletas em calças curtas, com as pernas de fora, conforme revela o depoimento de Sílvia Bonfioli, torcedora do Palestra Itália nos anos 1920:

³⁴ Ibidem, p. 95.

³⁵ Ibidem, p. 100.

³⁶ Informação extraída da entrevista concedida pelo Sr. Salim Salum, em 05/08/2002, no escritório da empresa de engenharia da família Salum, situado à rua Timbiras, n. 559, no bairro Funcionários, em Belo Horizonte. Recurso utilizado: gravador; 1 hora e vinte minutos de diálogo; 50 minutos de gravação.

Os moços iam porque gostavam do jogo. Vibravam, gritavam eram muito mais atentos ao jogo. Já as moças iam para ver as pernas dos rapazes. Naquele tempo os homens não usavam bermudas como hoje em dia. Era só calça comprida. Para ver as pernas, era uma dificuldade danada. O futebol era uma das poucas ocasiões em que isso acontecia. Eu e minhas amigas sentávamos juntas só para escolher as pernas mais bonitas do jogo. Isto é que era a diversão.³⁷

Revelam-se assim as várias abordagens possíveis para se compreender a lógica da disseminação do futebol entre o público feminino da capital mineira. A primeira delas está relacionada à manutenção dos valores familiares. Levando-se em consideração a tese de que a “família era a unidade básica da sociedade burguesa”³⁸, percebe-se que o espetáculo do futebol promovia sua integração, tal como os eventos tradicionais, festas religiosas e missas, nos quais predominava sua presença. Por outro lado, se os jogos atraíam as famílias, principalmente da elite, obviamente eles se tornaram um meio de encontro entre elas. As partidas e os bailes promovidos pelos clubes transformaram-se em eventos importantes para a constituição de namoros e casamentos como revela a entrevista de Paulina Lodi sobre o casamento da sua prima Elvira Lodi, com o jogador Ninão do Palestra Itália:

Era comum as paqueras no campo de futebol. As meninas iam para lá se encontrar com os rapazes nas arquibancadas, mas havia aquelas que se interessavam pelos jogadores. As cenas de romance sempre aconteciam. Os jogadores acenavam e mandavam beijos para as moças nas arquibancadas. Depois dos jogos, a mesma situação ocorria nos bailes. Os jogadores eram sempre os mais requisitados. Durante os bailes, eles escolhiam com quem iam dançar, pois havia muitos beijos para as moças nas arquibancadas. [...] Eu não tenho dúvida de que o futebol aproximava as pessoas. O jogo era uma desculpa para os encontros amorosos.³⁹

³⁷ Trecho extraído da entrevista de Sílvia Francisca Bonfioli, realizada em 02/05/2003 em sua residência, em Belo Horizonte, cujo endereço não pode ser divulgado a pedido da família. Recurso utilizado: gravador; 1 hora de diálogo; 40 minutos de gravação.

³⁸ Cf. HOBBSAWM, E. J. **A era do capital: 1848-1875**. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979, p. 247.

³⁹ Entrevista da Sra. Paulina Lodi realizada em 02/05/2003 em sua residência, na cidade de Belo Horizonte. Recurso utilizado: gravador; 1 hora e trinta minutos de diálogo, 1 hora de gravação.

As palavras da torcedora palestrina sugerem que para além das suas funções higiênicas e civilizadoras, os espetáculos futebolísticos colaboraram para fortalecer os laços que serviram para a manutenção e a ascensão social dessas mesmas famílias. Assim, além de seu caráter esportivo propriamente dito, o futebol tornou-se elemento de uma estrutura social urbana na qual múltiplas formas de sociabilidade se interpenetravam.

A atmosfera romântica que envolvia os jogos de futebol era refletida pelos jornais da época. Os cronistas de então ressaltavam a presença feminina nas partidas, tecendo fervorosos elogios às moças que frequentavam os estádios e que, por descrição, em razão do clima sigiloso que envolvia os romances⁴⁰, eram identificadas apenas com as iniciais dos nomes:

Senhoritas F.M. e O M. Sabemos que muitos corações de footballers têm andado 'doidinhos' pela bella sympathia em que se envolveu as semhoritas... Nos bailes, então, a alma apaixonada de um conhecido player suspiros em dolentes harpejos e nós, senhoritas, observando essa tortura, perguntamos a Deus, porque existem no mundo, torcedoras de tão fulgurante beleza!⁴¹

Além das crônicas, os jornais também recebiam correspondências das torcedoras e respondiam em suas edições. Com isso, a imprensa contribuiu decisivamente para a cristalização da participação feminina na rede de sociabilidades desenvolvida em torno do esporte. Como os vínculos entre as mulheres e o futebol se estreitavam cada vez mais, os jornais belo-horizontinos passaram a promover os concursos de “Rainha”, “Princesa” e “Madrinha do Clube”. As candidatas, pré-selecionadas pelos cronistas, eram convidadas a participar das promoções, que se desenrolavam num clima de muita expectativa. Normalmente, as eleições começavam no início dos campeonatos e terminavam no meio da temporada. Os nomes das competidoras eram publicados nos jornais juntamente com as cédulas, que eram recortadas pelo público e depositadas em urnas nos estádios.

⁴⁰ Naquela época, os romances não eram “assumidos” publicamente. Quando o relacionamento se concretizava, o rapaz era, então, apresentado aos pais da moça e eles logo se casavam. Assim, quando ocorria algum tipo de paquera em lugares públicos, havia todo um ritual para que os pais não percebessem o fato. Informação extraída do depoimento da Sra. Paulina Lodi, op. cit.

⁴¹ O FOOTBALL. Belo Horizonte, 21, set. 1917, p. 3.

Não havia nenhum tipo de controle sobre a votação, e qualquer um podia votar quantas vezes quisesse. Semanalmente os jornais publicavam a apuração dos votos recolhidos até então⁴².

Nota-se, assim, como o futebol, por meio de festas, concursos e outros eventos, ultrapassava o *locus* do estádio e se estabelecia em várias esferas do cotidiano da cidade. Se, para os homens, o esporte significava competição, virilidade e rivalidade, permitindo-lhes experimentar as emoções de um novo estilo de vida, para as mulheres, o futebol também teve um significado relevante. Além da ampliação do convívio com o sexo oposto nos espaços públicos, o futebol permitiu uma maior imersão da mulher nos círculos sociais. Os valores tradicionais vigentes no século 19, que defendiam um modelo de mulher enclausurada no lar, perdiam força à medida que atividades como o futebol abriam as portas do universo feminino para a chamada vida *smart*.

No início do século 20, nas cidades brasileiras, a participação em eventos sociais tornava-se um hábito cada vez mais difundido entre as “boas famílias”. Os novos valores assimilados pelos grupos familiares sinalizavam para a construção de uma mulher diferente que, perante a sociedade moderna, deveria se apresentar educada e culta, prestando-se sempre como boa anfitriã e mãe dedicada. Mas, para tanto, ela não poderia ficar trancafiada em casa, alheia aos acontecimentos sociais. Até para fortalecer a imagem masculina, as mulheres deveriam mostrar-se à altura dos seus maridos que, com efeito, eram bastante dependentes da imagem produzida pelas esposas nos círculos sociais, ainda que a autoridade nunca saísse das mãos masculinas⁴³.

Paralelamente aos crescentes movimentos feministas que, em várias partes do mundo, reivindicavam melhores condições de trabalho e igualdade social para as mulheres, as transformações dos costumes comprovavam a ascensão social de uma nova mulher. Tais mudanças, no entanto, não se davam sem a reação dos setores mais tradicionais e conservadores da sociedade, que contestavam essas transformações e a suposta

⁴² Segundo depoimento da Sra. Sílvia Francisca Bonfioli, cit.

⁴³ D'INCAO, op. cit., p. 229.

desintegração da família atribuída à nova rotina adotada pelas mulheres, como se pode vislumbrar a partir de uma crônica publicada em uma revista destinada ao público feminino:

Hoje em dia, preocupada com mil frivolidades mundanas, passeios, chás, tangos e visitas, a mulher deserta do lar. É como se há um tempo se evadisse um ídolo. É como se a um frasco se evolasse um perfume. A vida exterior, desperdiçada em banalidades, é um criminoso esbanjamento de energia. A família se dissolve e perde a urdidura firme e ancestral dos seus liames. “Rumo à cozinha!”⁴⁴

Por sua vez, o discurso positivista adotado pelos republicanos pregava que a família era o “suporte do estado”⁴⁵. Sendo assim, todos os esforços possíveis deveriam ser empenhados em prol da manutenção dos valores familiares. Nesse sentido, a aproximação entre família e futebol configurou-se como um dos sustentáculos desse empreendimento.

Ao reunir as famílias nos estádios, os eventos futebolísticos propiciavam momentos de sociabilidade nos espaços públicos, promovendo a integração social entre os próprios membros da família, e, simultaneamente, inserindo-as nas emergentes práticas de lazer que floresceram no início do século 20. Além disso, a presença feminina nos estádios incentivava o comparecimento do público masculino como descreve Salim Salum, ex-dirigente e torcedor do *America Football Club* nos anos 1920:

Os jogos eram um grande acontecimento na minha mocidade. Não tem como comparar com hoje em dia. Nós íamos mais cedo para o estádio, pois sabíamos que as moças iam chegar depois. O momento mais esperado era quando elas chegavam com suas famílias. Nós levantávamos e cedíamos os lugares para elas se sentarem. A partir daí, iniciava-se uma conversa... Era o grande momento para paquerar. O cinema, o teatro, a missa eram coisas muito formais. Então você via a moça ali, no estádio, e à noite, no baile, quando encontrasse com ela, tinha algum assunto para falar.⁴⁶

⁴⁴ *Revista Feminina*, Rio de Janeiro, ago.1920, s.p. apud MALUF, M., MOTT, M. L. *Recônditos do mundo feminino*. In: SEVCENKO, N. *História da vida privada no Brasil*, vol.3 – República: da *Belle Époque* à Era do Rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 372.

⁴⁵ *Ibidem*.

⁴⁶ Entrevista do Sr. Salim Salum, cit.

Por meio da análise do fragmento dessa entrevista, é possível especular que a presença das famílias nos estádios, especialmente das moças, contribuiu decisivamente para o processo de difusão do futebol na capital mineira na medida em que os jogos se tornaram um ponto de encontro da mocidade. Apoiada pela imprensa, a presença feminina nos estádios se configurava como um fator extremamente positivo ao progresso das práticas esportivas na cidade como destacava a crônica publicada pelo jornal *O Football*:

A radical mudança que, milagrosamente, se operou na sociedade horizontina, no que diz respeito às cousas de sports, é a mais bella victoria que o football conseguiu no seio de nossas familias. O match Flamengo-America attraiu às archibancadas do Prado numero tão apreciável de familias, (as mais distinctas de B. Horizonte) que vale pela melhor recompensa dispensada á rapaziada do America. Ainda há bem pouco as nossas gentis patricias, ao verem os foot-ballers de calção atravessando as ruas, achavam-nos ridiculos, grotescos. Muitas vezes ouvimos critica impiedosa que moças faziam de nossos sportsmen. Os nossos campos de football não apresentavam o aspecto festivo de hoje, por isso que não eram aquecidos pelo sol de olhares femininos e não lhe recebiam a harmonia de seu sorriso crystalino... [...] Felizmente, Belo Horizonte já tem um número considerável de “torcedoras” que hendem o football, que nos momentos de angustia deixam escapar uma interjeição que exprime a aflicção, o sofrimento de verem o “goal” da sua sympathia perigando.[...] ⁴⁷

A crônica se constitui em um documento emblemático no sentido de se compreender as transformações nos costumes da época: por favorecer a exposição pública dos corpos masculinos, o futebol, num primeiro momento, foi visto com desconfiança pelas famílias mineiras. No entanto, com o decorrer do tempo e o aumento da atratividade dos jogos, o esporte foi paulatinamente caindo no gosto da elite belo-horizontina. Além de revelar as transformações nos hábitos da sociedade, cujas famílias mais importantes se rendiam aos prazeres do jogo de futebol, a crônica evidencia o protagonismo das mulheres no espetáculo, demonstrando que a presença feminina se constituía como uma das atrações do jogo de futebol, considerado, naquela época, uma festa social.

⁴⁷ O FOOTBALL. Belo Horizonte, 13 set. 1917, p. 2.

Em 1927, outro periódico esportivo da cidade ressaltava a presença feminina no estádio do *America Football Club*. Nessa oportunidade, entretanto, o cronista não camuflou a identidade das mulheres por meio das suas iniciais: os nomes e apelidos das senhoras e senhoritas eram grafados por extenso. A identificação das mulheres indica que a presença feminina da elite belo-horizontina nos espetáculos futebolísticos merecia destaque por parte da imprensa:

A tarde esportiva de domingo passado, pode-se afirmar, uma das mais agradáveis do anno, pelo crescido numero de lindas admiradoras dos sports, que compareceram ao “stadium” americano. Era mesmo agradável o aspecto apresentado pelas archibancadas, onde se notava a presença de centenas de senhorinhas, cada qual salientando-se ao longe, pelos seus delicados vestidos e pelos seus diferentes modos de torcer. Assim, dentre essas innumeras senhorinhas, que ornavam a praça de esportes do alvi-verde conseguimos colher os seguintes nomes; Senhoritas Nenen Alluoto, sympathica rainha dos sports, Izzota Pezzi, Loló Melo, Lina Alluoto, Zita Coelho, Paulina Alluoto; Ilda Perucetti, Ita Salles, Iolanda Arnoni, Ida Bianchi, Carmita Lopes, Violeta Franca, Ephigenia Franca, Florminaria Franca, Helena Pereira, Maristella Franca. [...]Tambem estiveram presentes as senhoras Jacomo Lluoto, Armando Dantas, Joaquim Cartacho e Ivo Mello.⁴⁸

Mantendo o tom galanteador que se via nos jornais de 1917, a reportagem estampava uma lista de mais de cinquenta senhoritas, além de quatro senhoras, cujas identificações traziam os nomes dos seus respectivos esposos. A crônica buscava reforçar a importância da presença feminina no estádio, indicando o caráter agregador que os jogos esportivos adquiriam naquele contexto. Além disso, o texto identificava a rainha dos *sports* da temporada, cuja eleição, evento extremamente concorrido, era organizada pela própria imprensa, conforme mencionado anteriormente.

Não eram apenas os jornais esportivos que destacavam o interesse das mulheres pelo futebol na capital mineira. O semanário *Footing*, circulante em Belo Horizonte no ano de 1921, publicação destinada ao público feminino que também trazia inúmeras referências da relação entre as mulheres e o futebol:

⁴⁸ GAZETA ESPORTIVA. Belo Horizonte, 17 dez. 1927, p. 2.

Linda tarde de domingo. Autos e bondes repletos passam incessantemente caminho do Prado, onde nossos guapos e jovens conterrâneos se entregam valentemente às pugnas do Foot-Ball. A varanda de sua residencia, Senhorita aprecia o desusado movimento da rua. Senhorita é apaixonada pelo futebol e aguarda ansiosa a nova do resultado. A quem caberá a victoria? Qual club será o vencedor? E aqui para nós: um dos clubs é homônimo de Senhorita. E nessa expectativa, ali fica, encantadora e gentil, na esplendente belleza de sua radiosa mocidade. Alva de neve, os olhos claros e expressivos meio velados por cílios negros e longos, muito loira, muito formosa, delicioso sorriso entre as trepadeiras em flôr que guarnecem a varanda de sua pitoresca vivenda, dir-se-ia a imagem linda da Graça.⁴⁹

A descrição da senhorita América, na varanda da sua casa em uma tarde de domingo, além de revelar o suposto interesse da moça pelo jogo em questão, permite perceber traços do cotidiano da cidade alterados pelas partidas de futebol. O movimento de automóveis e bondes em direção ao estádio do Prado Mineiro, distante aproximadamente 3 km do centro da cidade, indica o interesse despertado pelos jogos que se tornaram verdadeiros espetáculos festivos nos finais de semanas.

A fase em que dominou a presença das elites nos estádios belohorizontinos durou aproximadamente até o final da década de 1920, marcou a disseminação do futebol e das atividades sociais agregadas à dinâmica dos principais clubes da capital. A partir de 1927, o futebol belohorizontino, acompanhando uma tendência que percorria os principais centros do país, iniciou uma nova fase denominada de “amadorismo marrom”. No ano de 1929, o *Athletico* inaugurou o Estádio Antônio Carlos, com capacidade para mais de 10 mil expectadores, que representava quase cinco vezes o tamanho dos outros estádios da cidade. A ampliação da praça esportiva contribuiu decisivamente para que o clube pudesse cobrar preços populares dos ingressos em seus jogos, atraindo, dessa maneira, torcedores de variados segmentos sociais. No bojo desses acontecimentos, com a crescente popularização do esporte aliada à melhoria da qualidade técnica dos atletas, os clubes passaram a conceder “incentivos” financeiros aos jogadores, dando início ao processo que culminou em 1933 com a profissionalização do futebol na maioria das capitais

⁴⁹ FOOTING. Belo Horizonte, 19 mar. 1921, p. 2.

brasileiras. Esse período, entretanto, não pode ser incluído no recorte temporal deste trabalho, uma vez que, ao ser absorvido pelas camadas menos favorecidas da população, o futebol assumiu novas representações socioculturais, diferentes daquelas encontradas nas duas primeiras décadas do século 20. Concomitantemente ao processo de popularização dos espetáculos futebolísticos, podemos especular, por meio de representações extraídas dos periódicos, que o aumento da rivalidade clubística⁵⁰ e a própria masculinização dos espetáculos de futebol⁵¹ ocorrida a partir dos anos de 1930, em Belo Horizonte, contribuiu para diminuição da presença das famílias nos eventos esportivos. A partir de então, o futebol experimentou diferentes rearranjos na sua configuração social, nos quais a presença feminina passou a assumir outros significados que fogem aos desideratos desse estudo.

Considerações finais

Diante de todos esses indícios fornecidos pelos registros escritos e orais, é possível perceber a contribuição do futebol para a integração social e a formação de um novo *habitus* feminino em Belo Horizonte, nas primeiras décadas do século passado. Carente de espaços que promovessem o encontro direto entre homens e mulheres, a cidade encontrou nos estádios e sedes sociais dos clubes um ambiente propício para tal finalidade, que serviu como verdadeiro “ponto de encontro” para os jovens da sociedade belo-horizontina. Pode-se também afirmar que a penetração futebolística em várias esferas do cotidiano da população reforçava a função higiênica do esporte, preconizada pelo estado e divulgada pela imprensa. Ao mesmo tempo, a presença das mulheres contribuía para sua inserção na nova civilização.

Se no início do século os costumes estavam em plena transformação, os campos de futebol serviram como termômetro dessas mudanças. O extravasamento das emoções, típico das partidas, era experimentado inclusive pelas mulheres, que aplaudiam, torciam, gritavam e choravam com os gols, contra

⁵⁰ Cf. MINAS SPORT. Belo Horizonte, 8 nov. 1925.

⁵¹ ELIAS e DUNNING, 1996, op. cit.

ou a favor, de alegria ou de tristeza. Dessa forma, o futebol contribuiu para a transformação do modo de ser feminino – que deixou para trás um tipo de conduta no qual imperava as extremas formalidade e solenidade, o típico comportamento de uma “dama” – e para a construção de uma nova identidade promovida pela aquisição dessas novas práticas sociais.

Para se compreender a formação de um novo *habitus* feminino em Belo Horizonte, é preciso ter em mente que as transformações sociais não são processadas necessariamente de forma integrada, consciente e organizada, mas podem se materializar nas maneiras de agir, nas trocas simbólicas e nas disposições hierárquicas dos indivíduos e grupos. A presença feminina nos estádios se deu a partir da própria dinâmica cultural da cidade que, por sua vez, foi influenciada pelos gostos e costumes europeus. Uma vez cristalizado como um hábito da alta sociedade, o futebol provocou nas mulheres uma forte identificação com um novo estilo de vida emergente. O conjunto de eventos que constituíam o universo futebolístico – os jogos, os bailes e os concursos de “madrinhas dos clubes” – possibilitou que as mulheres participassem efetivamente das atividades mais concorridas e requintadas da época. Entretanto, tais eventos, apesar de terem ampliado seu espaço de convivência, não interferiram na hierarquia social então vigente, pois as mulheres continuaram a ser reconhecidas socialmente à sombra do universo masculino. Pode-se falar, assim, em um ensaio, um pequeno movimento no sentido da construção de uma identidade social diferenciada da anterior, materializada pelas novas formas de lazer que fomentaram diferentes possibilidades de interação social nos espaços públicos.

De qualquer forma, por meio do futebol, as mulheres experimentaram os novos prazeres que a cidade lhes oferecia. Da visão das pernas masculinas desnudas correndo pelos campos, passando pelos glamourosos bailes nos requintados salões, até os concursos de beleza, o futebol permitiu às jovens da elite local experimentar o *smartismo* e o frenesi que emergiam na sociedade belo-horizontina, entre os anos 1910 e 1920, apesar do fato de muitas dessas novidades se contraporem à ordem patriarcal e aos valores das famílias mais tradicionais da capital do estado. Vem daí o caráter conflituoso da relação família/

sociedade/futebol. Se, por um lado, os eventos futebolísticos despertavam grande interesse nas famílias mais “modernas”, por outro, os mais conservadores viam-no com certa desconfiança. Daí a relevância da participação feminina no esporte para a construção de uma nova identidade social, já que tal participação também se deu como um gesto de contestação dos antigos valores. Mesmo levando-se em consideração a presença de muitas famílias nos campos, a oposição dos conservadores marcava essa diferenciação.

Assim, ao se considerar que a construção da “identidade” e da “diferença” são processos interdependentes, é possível afirmar que o futebol teve grande influência na construção de uma nova mulher belorizontina que se contrapunha ao modelo feminino cristalizado até o final do século 19. Por outro lado, esse tipo de *habitus*, conformador de novas identidades sociais, não pode ser generalizado como matriz explicativa para o entendimento do comportamento feminino na totalidade das cidades brasileiras em que o futebol despontou como uma prática social significativa. Não basta apenas reconhecer que o processo de difusão do futebol no Brasil abrangeu, em três décadas, quase a totalidade do território. É necessário incorporar à análise a perspectiva dos estudos locais e regionais, que visa reconhecer na perspectiva das dinâmicas locais, as chaves explicativas para o saber histórico.

Resumo: O artigo analisa a participação das mulheres nos espetáculos futebolísticos na cidade de Belo Horizonte entre os anos 1908 e 1927. Ao longo desse período, de maneira particular na capital mineira, a imprensa destacou a participação feminina nos jogos de futebol, buscando valorizar a presença das moças da elite nos espetáculos esportivos. Por outro lado, a análise sustenta a hipótese de que a participação das mulheres nos eventos relacionados ao futebol possibilitou a conformação de um novo *habitus* feminino decorrente das trocas simbólicas promovidas pelas interações no espaço público.

Palavras-chave: Futebol. Participação feminina. *Habitus*. Belo Horizonte.

Abstract: The present article analyses the attendance of women in soccer events in Belo Horizonte from 1908 to 1927. During this period, especially in the capital of the state of Minas Gerais, the press has highlighted the participation of women in soccer matches, in the hopes of boosting the presence of young women from the elite class at sports events. Similarly, the analysis supports the hypothesis that women's attendance in events related to soccer has enabled the development of a new female *habitus*, which resulted from symbolic exchanges encouraged by interactions in public.

Keywords: Soccer. Female attendance. *Habitus*. Belo Horizonte.

Artigo recebido para publicação em 25/07/2012

Artigo aprovado para publicação em 07/12/2012